&etc

GLIMPSES OF WHISTLER (1834-1903)

OSSUÁRIO
(ou: A VIDA DE JAMES WHISTLER)
de **Rui DINIZ**

é uma edição & etc
produzida por Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
Rua da Emenda 30, cave 3, Lisboa 2; telef. 371955

© do Autor

Apresentação de **Nuno Júdice**

Capa de **Carlos Ferreiro**

APRESENTAÇÃO DO TEXTO

«... 66, 67, 68, séc. XX,
anos da minha vida».

Escritos na sua maior parte, senão todos, em Portugal, estes poemas falam do exílio simultaneamente como prova e exorcismo. A leitura afasta-nos, porém, desta impressão inicial e fácil que seria interpretar o texto sobre uma situação presente (o autor «exilado» algures noutro Continente) e leva-nos antes a procurar o próprio conceito de Exílio, tal como ele é sucessivamente elaborado de poema para poema, nesse lugar de «esplendor obcessivo» que é a escrita. Aí passam num vertiginoso desfile figuras, imagens, fragmentos de vida, acontecimentos, «histórias», nomes (pessoas e lugares), sem que se verifique a destruição desse fio contínuo e inexorável que envolve o todo textual como um casulo protector da fragilidade da imagem, de cuja auréola a memória flui ininterrupta.

Surge assim, dessa relação entre a imagem do exílio e o exílio da imagem, um corpo que penosamente procura a sua consistência — a memória, figura que se

materializa na tensão entre o silêncio e a voz, entre o branco da página e o negro do texto, e que preenche esse inquietante interstício com a sua sombra material e sublegível. A sombra — é ela que ameaça uma claridade e uma clareza que são atributos da imagem e do discurso clássicos; e o sentimento da sua presença, com a descontinuidade implícita no que respeita à lógica vivencial e vocabular, corresponde ao momento de ruptura que desde o final da década de 60 se tem absurdamente prolongado sem o necessário desenho de uma estratégia criativa-colectiva.

Mas a mudança que, apesar dessa ausência, se aprofunda na linguagem, na escrita e na teoria de uma poética portuguesa e revolucionária, encontra em Rui Diniz um lugar talvez histórico de reflexão — e de primeiro reflexo de uma geração condenada ao sonho de não se realizar.

nuno júdice

à Antónia
ao Nuno

«Num povo pessimista, não o bastante
para ser neurótico, nem exasperado
para ser sobre-humano, depara-se-nos às
vezes certo fenómeno de combustão
interior e que é pouco menos que
uma nova ética.»

Agustina Bessa Luís, «O Susto».

A SITUAÇÃO LITERÁRIA EM 1968

Ainda nos séculos se pergunta uma respiração.
O poema é a consciência irreversível que gira
cruelmente na tarde.
Consumimos tabaco na penumbra. Aqui estou
rindo convulsivamente o tom pestilento da
opressão, meditando uma bebida e nunca
a imaginar a terra.
No calor incidem as moscas que lembram
lentamente um destino, pétalas que destilam
a necessidade de publicar.

Quentes mãos que temi em dias de olhares.
Compreendendo assim os ares, os espaços...

Põe poema a tua metafísica azulada
nas fendas dos lábios de aldeia.
A literatura do sul é o sono profundo das memórias.
Tudo ali nos entontece confusamente.
As erínias zumbem com o vento nas narinas.
O mar gera as crianças estagnadas. É talvez
tudo uma intensa visão. O ócio do cansaço...

Ainda nas casas as paredes se idolam.
Os poetas param à beira dos poços, passam
um dedo pela cal, pensam
em publicar. Vão para as searas,
abraçam friamente as avós, conversam
debaixo do crepitar das uvas, preferem
dizer que as braseiras não existem.

É-lhes a noite propícia às surtidas, à visita.
E ao convencimento da cultura, à virgem idade dos
livros.

Isto leva-os à contemplação dos demónios, aos
obscuros encandeamentos. Assim as lâmpadas
condenam por todo o sempre a palavra que
foi escrita.

ARGUMENTO

Escrevi um longo conhecimento do desespero.
Um dia abri na noite as razões silenciosas.
Senti o cérebro torcer-se lentamente e depois
parar, toldado pelo esquecimento. E na amnésia,
entre alguns rios lisos de cores escuras, dias
e noites permaneci. Ao fim de alguns meses
recordei uma cidade, que um rio atravessava,
onde eu conhecera outrora todas as pessoas
destruídas pela sua própria vida e onde só
pessoas assim eu conhecera. Lembrei-me da
maneira estranha como tantas delas tinham
morrido. O alcoolismo era então uma enorme
razão. Alguns dos amigos fumavam marijuana.
O seu riso rachava o muro da noite e descobria,
para trás, lentos cemitérios onde o luar
tingia. Os livros consumiam-me os olhos e
a cabeça doía-me. Pude assim lembrar-me
de ter escrito poemas sobre a doença de
imensa gente, uma espécie de febre, ou uma
coragem constantemente estrangulada, um
último oferecimento do seu desejo à vertigem
e depois, uma manhã em que se sabia dos
suicídios.
Mortos, os seus dedos floresciam a penumbra
dos quartos, os seus lábios apodreciam já
sob poeira azulada, as praças inclinavam-se

uma vez mais como sítios de uma única
ternura. Os seus quartos estavam sempre cheios
de lixo quando os encontravam, e alguns
ainda sorriam daquilo que os tinha feito
dizer: amo-te e podemos tentar ser muito
felizes e depois, quando o desespero os elucidava:
amávamo-nos, poderíamos ter sido felizes.
Escrevi esse longo conhecimento dos amigos
mortos e eu próprio escapei a uma noite
qualquer. Mas nesta amnésia de só algumas coisas
ainda mais permaneci.

Essa cidade e esses nomes dissolveu-os o
que pude lembrar: poentes nas esplanadas,
tomando aperitivos e rindo e vendo
a multidão descendo os espessos lugares.
Noites nos dancings ou nos quartos, fumando
a desolação, escrevendo poemas sobre ruínas
e vidas que se consumiam em abandonos
e viagens.
Tudo era estéril como a doença que nos
movia, de lugar para lugar, uma fome pura
e quase construida, uma indiferença que
compreendia tudo e os anos através das
caras e dos corpos e mais tarde o desalento
e estarmos vivos.

Escrevi sobre as tardes e a sua lenta solidão
e depois as vozes vindas através dos sítios,
essa cidade em que esqueci o que poderia
escrever ainda, a minha recordação talvez
dos anos, nas bocas azuladas, no repouso
com sangue, com lentos sonhos dentro
dos olhos lívidos, com o último olhar de
esquecimento, o mais árido lugar,
a insuportável solidão.

E repeti dias e dias o desassossego. Os nomes
que poderia lembrar. A cidade com os seus
lugares de desespero, o que me foi sendo
possível recordar. E neste desolado hospício,
hoje, vi todo o meu enlouquecimento — um
propósito de me lembrar de todas essas coisas
e o seu lento e doloroso sabor. Um
obcessivo crescer do sofrimento — maior amor.

OS ANOS DE TRANSIÇÃO — UMA CANÇÃO DE EXÍLIO

Em Paris vi as raparigas escuras, por entre
a neve, respirando a solidão,
nas esquinas ásperas das tardes, descendo
nos passeios, procurando talvez os amigos
desaparecidos. Estava sentado nos cafés, a
escrever um romance sobre um grupo de pessoas,
muito jovens, que se reunia nos cafés para
estudar e vadiava e bebia, a maior parte do tempo,
e também às vezes alguém se apaixonava
por alguém de uma maneira terrível e se
preocupava durante dias e às vezes meses seguidos
com isso. Eu próprio, de vez em quando,
parava de escrever e bebia um bocado
do pernod que encomendara.
De certo modo, as minhas recordações eram assim,
com pessoas a amarem-se secretamente, nos cafés,
enquanto conversavam sobre a opressão e os meios
de revolucionar os dias e as tardes, rindo nervosa-
mente, bebendo bagaços ou mesmo «moscas».
E as raparigas que entravam nos cafés e se sentavam
para tomar cafés e começavam a ler um livro
tirando os óculos escuros, eram as mesmas que
eu conhecera e talvez amara em Lisboa, os mesmos
rostos tristes, quase sem palavras, onde uma
alucinação milenária brilhava, em certos instantes, tão
terrivelmente.

Em Paris vi o inverno dilatar-me roxas olheiras
e aumentar-me a fome e não fui capaz de
escrever o romance porque o meu vocabulário
sempre tinha sido muito restrito e afinal eu
nunca soubera escrever na minha vida.
Uma tarde de Dezembro, no café de Versailles,
tomei um whiskey com soda e conversei com
o criado sobre o vício em que todos os exilados
como eu ali se afundavam, e vi-o concordar
e várias vezes sorrir-me com uma quase piedade,
e nessa altura paguei, levantei-me, e pensei pelo
caminho muito seriamente se voltaria a
frequentar aquele café.

ESBOÇO (I)

Quando em Praga, ao cair da noite, eu adquirira
a necessária simplicidade para então entrar nessa
cervejaria em Konigstrasse e me embebedar. Talvez
me tivesse acabrunhado a lembrança de Ricardo II,
o confrangente modo como para o fim da vida
enlouqueceu e se afastou. Numa das estalagens checas
de madeira a lanterna da entrada alumiava uma
tabuleta heráldica. Repetida pelo paciente gravador
nas duas faces do cobre: a admirável alegoria de um
cavaleiro que os lobos devoravam lentamente, sob
um deslumbrante luar. A cerveja coava nos estômagos
a indefinível doença dos horóscopos rigorosos.
Os aldeões bebiam iluminados pela recordação dos
seus gados, faces vermelhas de indignação friíssima, os
seus bosques precipitadamente abandonados.
O vento uivava pelas ruas desertas da cidade velha,
incansável lembrava as antiquíssimas lendas pagãs,
os pescoços dos touros quebrados em tardes ensanguentadas,
também o tempo da guerra. Praga escoava a fria noite,
recordando os reis austeros e as cabeças decapita-
das pelos lobos frente às madrugadas.
Era ainda no saliente riso áspero dos olhos
eslavos a serena desolação de Jean de Meung,
pintando os retábulos que o celebrizaram. Depois,
bêbedo e rodeado pelo espesso som do nevoeiro,

eu saía pelo escuro bairro e amaldiçoava
nos adros destruídos a europa inteira, o que se escrevia
nos seus livros, o modo como os povos se combatiam,
junto às inúteis fronteiras.

ILS ONT BU L'ABSINTHE AVEC ODETTE DULAC

Bebi absinto com Odette Dulac. Senti-me então
especialmente disposto a escrever e compus
um poema sobre Peale Bishop, morto em 44.
Não era a peste de Lisboa que então me encheu
de desespero. Não eram os veleiros de Blood
que iam lentamente consumindo a memória
leal dos heróis. Não era o meu cérebro, enegrecido
por vezes pela morte de gertrude, de Lautrec, do
próprio Cocteau, afogado em ópio.

Bebi gin com Júdice e Ernst, uma época
inteira mergulhada em cogitacões. Uma noite
acordei e tinha a boca cheia de sangue. Ao meu
lado Anya Seton respirava docemente.
Pus então um disco e acendi uma
luz. Os anos ecoavam no soalho surdamente.
Depois saí. Bach — podia escutá-lo ainda daquela
praia tão antiga onde o próprio Van Gogh
cortara a orelha. O terror acompanhava
a vastidão das espumas, os rochedos soletravam
a desolação.

Bebi esse fogo nos meus nervos — vodka de
milénios, alongamento dos naufrágios para
o negrume irreal das costas, o pudor que se
inclinava para o areal como um século negro.

O verão acendia as pequenas doenças de infância.
E ouvia de novo, fora do sonho, as vagas sem idade
como um sonho.

Bebi com Zizi no bar Z. Numa shooting gallery
estive com Auden e Zane Grey.
Li-lhes as cartas estranhas de Cowley e
Faulkner. Sorrimos de todas as gerações.
Também eles beberam outrora com Dulac o absinto.

CARTA

Escrevo-te da noite girassolada dos trópicos. A riviera é
um velhíssimo meeting de gerações de ébrios. As raparigas,
em madrid, foram muito amáveis. Mas tenho razões para
voltar a barcelona, talvez no verão. Viajei no comboio
de Paris onde conheci alguns escritores refugiados. Um poeta
das astúrias ria com vinho escorrendo-lhe dos lábios.
Tenho a impressão que em alguns minutos te descrevia
o amor quente que me tomou em Amalfi, onde me lembro
de sebastian. Subitamente, num outono escuro, em Pádua de
que já falei, estive toda uma tarde a ler os teus poemas e
a chorar. Fazia um vento azulado e áspero e as mesas de
metal emitiam dolorosos sons ao longo da vazia esplanada.
Dos jardins queimados em Toledo não te direi nada. Ríamos.
Éramos um grupo estranho, talvez por um sopro azulado de
nêsperas ter feito curvar os rostos até aos livros, numa
praia. Era o algarve, extenso, com a doce cal e os terraços
de choro nocturno, com o céu claríssimo do sul sacrificando
o que nos era possível criar, escrever, amar. Regressei
a portimão quando as flores de pesca se alongavam
pela margem. Alguém me escrevera de um café em Lagos
e eu conhecia mesmo vários poetas em badajoz, onde me
lembro de hemingway indo às touradas. Escrevo-te
pois, de um snack-bar, em pleno setembro, com um
rosto lindíssimo afundado numas nuvens, e destilando
o seu cinzento choro, com a guerra civil cantando
à minha volta os hinos roucos das ruas, suaves como

casacos de montanha, com a sua maquillage
de sangue e de crianças. Tudo são preparativos para uma
expedição que desconheço, mas lentamente em mim
apercebo-me de que também eu irei nela e verei os
aviões sobrevoando os vestidos escuros das mulheres,
onde os lábios desmanchados compõem ao som das
fogueiras nocturnas e nos vasos áticos do repouso,
as amadas flores de sal, os beijos ardentes que receberão
os poetas presos no bósforo.

MAX BROD LEMBRA ANNA DE NOAILLES

Max Brod passou aquelas tardes a falar
de Kafka, da sua timidez conduzindo à
crueldade, do seu mutilado heroismo.
Dizia de Stanislava P. coisas espantosas. Uma
noite as suas mãos haviam surgido da
penumbra e tinham começado a escrever.
Quase todos os médiums foram então
desmascarados. Em Viena vi Jake, Brett, Bill
e Mike. No La Voile, em Genève, conheci Arnaud
de Villanova que morria mais tarde em 1310.
O Sena corria no lusco-fusco brilhante
soltando recordações de Délia em cintilações
violetas. Por vezes lembrei o estranho perfume
que a evolava enfim num longínquo impossível.
Os olhos, entregues às magnólias, pousados
longamente no sossego da noite, incidiam a
sua luz negra sobre os meus pensamentos tenebrosos,
as meditadas lições de destruição. E Alfred
tocava incansáveis os blues do Bon Sourire
nesse bar onde me embebedei uma tarde e
gritei os nomes de Kaufman e Ginsberg
e Vian e caí depois num confuso arrependimento.
Uma manhã Brod comprou dois Chagall
e partiu para Praga, onde veio a morrer de
um colapso, uma tarde. E Kafka apareceu

no Martinho da Arcada, com os manuscritos
de poemas no bolso do sobretudo,
o sorriso triste e receoso, as enormes orelhas
de todo o humano desgosto.

COLAGEM

Albéniz percorreu as épocas mesetárias
num velho renault de 1911. O seu
sorriso era a herança de um veleiro
ou um corsário do tempo de isabel, a católica.
O campeão dos bebedores de cervejas,
um tal hornblower, espalhava a alegria
por todo o país. A viagem diluía as ruas
de basalto, os oleiros de córdova, a cera
das próprias asas. E os pavios das velas
extintos, extintos.

Foi o vinho tinto, catalunha
mais de um mês durou a botija
de couro.
A cantábria
ébria
ufana
do áspero vento. A virgem lola.

Músicos d'españa.

DEMENTIA PRAECOX

Viveu Clarence Newman os quase perpétuos verões
de Grenoble, aí estudou astronomia e vi-o um dia
em setembro, reconhecer um dos muitos cometas
que sobrevoavam aquela região. Todavia não o puderam
ver os meus olhos, então baços, então talvez barulhentos
pelas noites em claro que passavam, no hotel des
Poissons, lendo e relendo os meus próprios manuscritos,
os únicos, escritos na idade de treze anos
e desde então a uma lenta destruição abandonados.
Pode dizer-se que matei pessoas naquele outono,
a chuva despia da sua cal os prédios ao longo
da margem do Loire, o céu tombava asperamente
em nuvens negras sobre os cafés, onde eu meditava
os mais insolentes projectos. Hoje qual o dia, em
que lugar isolado a encontrei me interrogo, como
quem conversou crispados crepúsculos com Eleanora,
enquanto o seu olho torto nos fitava, de um verde
extenso e pulcro, formulando silencioso uma litania
de presságio. Reparei nessa época em que palavras
se compunham os meus gestos lentos, em que versos
se inclinara a minha vida branca, cheia com
os ventos vindos de Nuremberga, longinquamente
destrutíveis. Ainda quando com Clarence percorri os pátios
ensombrados em Arouca, lendo as inscrições, entoando
por vezes Villon ou uma melodia toscana própria
à invocação. Até que descendo o canal, em outubro,

lia no jornal a morte de Newman, pendurado
numa das árvores do parque des Crevés como
um acre fumo de fruto ou o porco da infância
demorada que tivera sobre o fogo de uma cozinha
de aldeia, onde habitara extremamente frio, um clima
de ébria desolação, onde acreditara que Eleanora
era a reincarnação de Anna Karenina.

A PROPÓSITO DA REVOLTA NOS PAÍSES DO SUL

Talvez em Avignon no outono a frivolidade
a bebêssemos num café por tempo escuro.
Esquecia-me de ann radcliffe que conhecera
no verão em san sebastian. Aí o mar inclinava
as ondas até ao seu corpo frágil, separava-lhe
os cabelos, quentes do sol e da adoração.
Ouvia alice moderno recitar enquanto bebia
várias cervejas e fumava tabaco inglês. Na
holanda eu escrevera cartas aos amigos que
lutavam longe no país, à beira de um rio
que a noite fascista enegrecia. Dessa brasserie
as emoções partiam embrulhadas em álcool,
eu falava-lhes da estratégia, dos mortos e
sobretudo da respiração sufocada em hannover,
na praça das mil lanternas. Eu tinha então
o costume de escrever sobre as cartas, sobre
os filmes e os salões de jogo, onde bebia
por vezes até que me expulsavam. Nessa altura,
nas ruas frias e desertas, reparava em como
me fora fácil chegar à miséria, à fome
imensa dos exilados, à roxa degradação.
Vivi dois meses com uma prostituta suíça, perseguido
pelas suas pestanas trágicas, pelos seus longos
monólogos cheios de palavrões e pragas, insultando
os poetas que eu lia já possuído de indiferença.
Com o tempo fui-me esquecendo. As frases eram

compostas por um balbuciar vago e doloroso, como
se eu fosse apenas um alcoólico amnésico
incapaz de amaldiçoar. Talvez por isto, quando
uma manhã dei por mim sentado numa
esplanada em Avignon, a beber lentamente
a frivolidade de todos os outonos,
não me surpreendi.

«LOVE TO ME IS LIKE A SUMMER DAY»

Por esse tempo lia Céline e bebia brandy e
deitava-me muito tarde porque não estava
só. Os cafés enchiam-se com pessoas que
tinham desistido como eu das casas da costa,
onde eram calmos e propícios os grandes
jardins. Uma vez, em conversa com Isadora
Duncan, perguntávamo-nos se era esta a mais
desesperada geração que conhecíamos e ela
acabava por concordar com a opinião desolada
que em mim se formara. O sol ultrapassava
os prédios e descia, adormecido na sua morte,
o boulevard, e víamos os seus lábios belíssimos
de cor violeta, e quase nos amávamos naquele
lugar. Um anarquista deixou nesse
dia uma bomba numa das mesas e Isadora
morreu em consequência de uma ferida espessa
no cérebro. Vi os enfermeiros que a levavam,
cantando uma canção de armstrong e não me
cansava depois de repetir docemente, à hora
da tarde, o áspero refrão.
Continuei, depois, a ir à redacção do 'Aesthète' onde
procurava em vão publicar poemas sobre as
horas absurdas que passava então, lendo
céline, bebendo brandy e deitando-me
muito tarde porque não estava só.

DO EXÍLIO

Os anos ecoavam suavíssimos. Um vento escuro
furava as escarpas. Nos olhos azulados do tempo
o desgosto alastrava. Era
como o tactear de um cego silêncio, um livro
indecifrável, som repetido pela chuva, humedecendo
o cérebro. Do quarto onde me tinham posto eu via
o mar. Quando me fatigavam podia contemplar as
tapeçarias. Eram velhas cenas de caça, veados
desfalecendo sob as furiosas matilhas. E, montados
nos seus fogosos cavalos, senhores impassíveis,
contemplando...

Alguns, principalmente à noite, pousavam em
mim os olhos consumidos na interminável
melancolia.
Enquanto ouvia Chopin, brilhavam-me nos lábios
as terríveis lágrimas do regresso. A leste da casa
o mar devorava.
O aborrecimento tomou-me a maior parte desses
dias.
Ah, pudesse eu estar em Espanha, nas vilas quentes.
Ou no sul, nas ardentes praias do mediterrâneo.
Pouco a pouco fui pensando na morte, na afinal
inútil persistência desses dias e noites cheias de tédio.
Uma manhã acordei sobressaltado por estranhas
profecias: vira o meu corpo rolando, alucinado,

pelas escarpas da costa e as águas estremecendo
quando me recebiam...

Uma noite, por fim, quando me suicidei, vi, por
entre as mãos, como o poema se desfazia,
ameaçando...

INVOCAÇÃO DE QUEM SE AMAVA

Bebi a desolação em Baltimore num
café. Sentia-me só. Escrevia cartas aos
exilados e tinha uma terrível dor de cabeça.
Por momentos vira os lugares alagarem-se
nas maldições dos mosteiros. Alguém me
lembrava Mr. Kite pagando as bebidas aos
poetas saídos da prisão, e, depois, a própria
prisão de Mr. Kite e a sua morte dias depois.
Chovia, Kite, nos teus cabelos sem cor. Tinhas
as mãos enfiadas nos bolsos, cheias flores
de obstinação. Eu lia os livros da hora
revoltada, os escuros atentados desses
dias, a inútil harmonia dos poemas. Para
mim, eram essas horas de um intenso
esquecimento e os poemas lidos desapareciam,
desapareciam os escritores da
infelicidade. Eu procurei os lugares sombrios
e vi que tinham sido extintos, abandonados
na maior precipitação. Aí estive alguns
anos e aí vivi o obscurecido ópio da
minha vida, a decisão brusca dos teus
lábios de morta. Morta — eis como te avizinhavas.
Rindo, rias a minha vida áspera, de
revolucionário, aparecias frequentemente
nos cafés clandestinos da margem sul

e acusavas o que eu escrevia, as cartas
aos exilados.
Até que uma manhã eu próprio me ri
e vi lágrimas de medo transformarem-me
o rosto — era chegada a época da
nossa condenação. Era chegado o outono
com o seu cortejo de corpos amnésicos,
sua orgia desprovida de repouso.

O ESTUDO DA ALMA

Estive só, sobre as falésias do bósforo, pensando, com
a aragem do mar sacudindo-me os cabelos
num ritual suave. Ouvia nitidamente o
grito estival das aves, o som, depois, das palavras
saindo-me pela boca que eu entreabrira ao sorrir.
Por vezes perguntava-me de que modo suave nos
interessávamos pelo mundo fechado das cidades, pelos
cafés iluminados por um louco ocultismo existentes
na área do cais.

Estive só, tinha as mãos pousadas no corpo ardente
de um livro, enquanto modificava o conteúdo antigo
e valioso das páginas, eu estava de costas entregue
a tanto desalento.

Era — descobri-o de súbito — um olhar para a espessura
das águas como se para dentro de mim próprio,
um atento exame aos absurdos movimentos da
alma.
E estive a designar os híbridos costumes
da profunda região dos pensamentos, porque
supus então ser possível atingir Cnossos ou
os hipogeus antiquíssimos que me esperavam.
Os sonâmbulos sentiam-se gente diversa, era certo.
Imaginei junto ao rio uma maneira já de me
esquecer.

Era — soube-o depois — ter estado ali, só, durante
verões inteiros, sobre as falésias do bósforo, esperando
pelos sinais que desceriam do céu e me
esclareceriam sobre ser-se feliz.

GENTE INVULGAR

Contemplei a galeria negra dos outonos etruscos.
Eram telas meditadas no exílio, na sofreguidão
azul das ilhas negras, pequenos vasos, fragmentos
de poemas onde os pórticos celebravam. Lentamente
os processos de impiedade foram florescendo na
grécia. E vi Aspásia exilada, corroída por um
choro ancestral, as suas vestes manchadas pelo
sangue escuro da desolação. Eram estes seres de
azuladas mãos, manejavam à estranha luz
tranquilos manuscritos, compunham a dolorosa
condenação dos mundos loucamente. Esculpiam
os talentosos mármores, planeavam nos
cérebros uma leve ascensão. O sorriso de Fídias
era finalmente coberto por folhas amarelecidas,
pelo orvalho, pelo vestido dos invernos, a neve
negra do interior do país, em montanhosas
maldições. Fídias olhava longamente a noite
como se ela fosse a ágora de Rodes. E, na
triste vastidão das águas pálidas, permanecia
deitado sobre a estrada, numa atitude escura.
Recordo-me que tomei o caminho das antigas
arenas e sobre o pensamento desses lugares
tinham pousado uma doce e vingativa máscara
de tragédia. Então lembrei Sófocles escrevendo
lentamente, ouvindo a voz branca do demónio
que o habitara, longe, nesse tempo, instante

envelhecendo as colunas de um pó breve, a
decadência rubra dos recortes da costa, dos
litorais onde se decompunham sob o sol as tessálicas
palavras.

AS VISÕES DA ASMA

Eis as praias de onde partiram as terríveis aves
de agoiro. A casa diante da noite como um
lavadouro negro. E lágrimas roxas percorrem-te
a cara, quentes como o exílio ou a cera.

Ainda os touros se afastam. De sangue e enxofre
eram feitos os lugares sombrios do desassossego.
Sofro todos os sorrisos e havia milhares de
crianças esmagadas pelos cavalos enlouquecidos.

Bebias e bebias o vinho, inexoravelmente. Que
importa que eu já não possa escrever, que haja
no meu cérebro a flor de um fracasso negro?
dizias como se os teus lábios se fechassem,
vagamente esmurrados de luar.

Daqui, no esboço azulado dos cadáveres, posso
contemplar a desgraça dos poemas longos que
fizeste, do fogo frio que às vezes te impediu de
continuar deitada, comigo pousado
no teu corpo, de repente abandonada.

Bebias e fumavas depois das próprias lâmpadas
se apagarem. Até não saberes que tempo tinhas
para consumir e alucinar. Punhas-te
a falar com os vermes estranhos da tua salgada
boca e pedias quase sem palavras para me afastar.

Eis as escarpas, eis o mar, eis de onde
cresceram as vozes, o horror. Comigo tudo
se passa às vezes como dentro de silêncios
negros, tosses azuladas, tentativas de suicídios
e até medo.

É quando te olho decomposta na orla deste mar,
os dentes ferozmente sorrindo-me, os cabelos
desenrolados, o ventre cheio de aves que te devastavam,
devagar.

O POETA CONCEDE A SUA VIDA

Vivi anos nos bares obscuros da Virgínia.
Foi pouco depois de me ter desentendido
com os que escreviam e não cabiam na sua
eternidade. Havia um rio de choro onde me
ocultei. Bebiam ali há anos os que se sentiam
próximos da loucura. Uma manhã pus no
poema a frívola inspiração de todos os bares
e escrevi com infinita exasperação; vivo um
álcool da lembrança. Desde esse dia as cidades
acolhem-me rindo ruas e ruas sem repouso,
espalhando no meu corpo pouco puro uma
condenação lenta.

Vivo dias dentro de sótãos exasperados.
Convivi com as mãos mergulhadas no
desgosto, contorci as tâmaras de um
obscuro esquecimento. Uma noite, falei
no pudor da insónia
interminável. E, quando
me calei, olhava espantado as esplanadas
cheias de vento desolado e os rostos escurecidos
pelas magnólias da memória.
Vivi aqueles meses em que é preciso
enlouquecer. Enlouqueci.
Então escrevi sobre o conversar das lâmpadas
e os cachimbos que esculpiam longamente
estas pessoas.

ESBOÇO

Sentados nas esplanadas da margem ouvíamos
o grito das civilizações. Havia semanas de silêncio
nas cidades litorais. Eu beberia entretanto cerveja
após cerveja e lia the sun also rises. Que
mais escrevera este homem no seu solar
em Davim? Ninguém gostou de um poema que
escrevi sobre o suave génio das gerações. E então
decidi partir para Bruxelas.

De todos os destinos o de Alice Toklas fora
o mais doloroso. Ela escrevera pacientemente
a biografia de todos os monges loucos e
por fim, enlouquecida pelos seus feitos, destruíra
os manuscritos enquanto dizia poemas de chaucer.

O seu olhar cintilava roxas estações, negros
campos de peste, livros e livros lidos pelas
insónias adiante.

E nós permanecemos sentados durante anos e
anos nas esplanadas vazias, escrevendo loucamente
a incapacidade do tempo, a fúria dos dias e
das noites, a incansável desolação de cada palavra.

Repetimos o amor no interior das casas.
Recebemos um fulgor fácil das horas marítimas,
poemas vieram facilmente escritos aqui e ali.

Também da vida dissemos a alucinação exacta, os
motivos febris da inspiração, o ópio, o espaço
das flores de álcool, o olhar coincidindo
com a humilhação, os lábios distorcendo a mágoa
e a pouco e pouco já apenas o medo, o puro
medo de de repente em nós a voz se deteriorar.

O DESAGUAR DOS CREPÚSCULOS NO EBRO

Eu estava presente quando o corpo de hernandez
deu à costa. Era um corpo magro e extraordinariamente
roxo, evocava os últimos dias da sua vida,
quando se demorava o menos possível nos cafés de
barcelona, perseguido até por si próprio.
De facto a loucura procurava-o lentamente.
Durante a noite, em tempo de lua cheia, a sua
sombra por vezes corria pelo silêncio dorsal
das colinas, rindo. Eu lia então até tarde as
suas descrições de uma espanha enlouquecida,
sonhadora de sangue, impulsionada pelos
cemitérios sombrios onde corpos se iam decompondo
enquanto esperavam. Os seus dedos crispavam-se
quando o vi trazido para terra naquele poente
áspero como poentes da cantábria. Os seus olhos
eram duas covas percorridas por algas e
peixes minúsculos, os lábios articulavam ainda as
últimas palavras para o aniquilamento negro dos
seus dias. Mas a boca, submetida no silêncio de
estar morto, esboçava o mais puro sorriso,
a ironia de poemas inteiros meditando o mais
violento infortúnio.

A noite escurecia a praia e os rostos estranhos
das falésias. Vinha com as asas de morta humedecidas
de sangue, irmã de hernandez despedindo-se

suavemente da lua negra.
Olhei-o uma derradeira vez:
o ebro cobria-lhe os cabelos agitados
e no espesso desaguar das narinas
o seu estilo reaparecia.

AUSENTE, O POEMA

Em Copenhague com a actriz de Cummings.
Dias passados junto à grande Strasse, na esplanada
do Floride compondo lembranças de Paris a quem
o verão assolou. Ouço-te daqui as palavras, recebo-te
as cartas e sinto-me tristíssimo tendo sobre a
cara magra pousados os dedos do silêncio.
Lentamente invadem as enormes pestanas, a actriz
que cai entre a luz, como uma ferida écloga.
É estranhíssima a sua letra, Marie, uma recordação
também, lentíssima. Por sobre o céu os penhascos
adivinhamo-los eis donde se recorda essa Escócia,
os livros que li tendo no meu teu resto encostado.
É estranho como bebem nos seus nervos, a sua
ferida paginação ou o dia de manifestação em
que morreste. A praça enche-se de pássaros lentos,
de esfinges inglesas sobre o fundo de vestidos
claros — uma península do sul. Que é que a
Dinamarca tem a ver com as olheiras alagadas
ainda por lágrimas (ela neste momento chora) desta
actriz? Dentro dos celeiros — isto é mais
recordação — a luz cinzenta da normandia coava-a
a lucarna, alguns vidros ao cimo por onde entrava
o soluçar da chuva, o frio. De repente todos
os poemas são, é claro, cartas para ti.
Ao atravessar o Mar Negro ouvi as escarpas
como pronunciam nomes de mortos, um que

desapareceu entre o eco daquelas águas, lembrando
uma tarde em Burgos. Em baixo era Granada. Os
vencidos tinham os olhos escuros e oblongos e
olhavam sem medo o obscuro som do sol, sorrindo
talvez imperturbáveis. Quis-te dizer: se visses Marie
— por quem talvez já não valeria a pena
ir a Pamplona ou então enlouquecer — se a visses,
bem, nada lhe dirias, sim, eu tinha desaparecido
quando da travessia, tu nada sabias...
A actriz falava e falava de quem eu sabia
ser Cummings. Talvez
Cummings a ouvira assim, sob as árvores, em
Paris, num café do Sena — regiões que o verão
assolava.
Quando quis repousar do silêncio era ao longo
de Oslo que a neve caía devagar. O gin crescia,
aquecido, pelo susto do meu corpo encostado ao
vento suave, de grandes mãos estendidas brancas
sobre o tampo das mesas, oscilando imóveis
ao contacto da luz.
Dentro das casas uma família posava para
Durer. Nada — apenas lembrava.
O modo de ser desta gente abria frios sulcos
nos rostos dos estrangeiros e alguém na
esplanada cantava velhas canções de marinheiros
e se levantava para ir até ao porto fingir que
partia.
Copenhague — nunca lá estiveste e fiquei, por

isso, com a actriz de Cummings na esplanada
do Floride ouvindo a sua vida que a
ausência alucinara. Ao ouvir isso, de vez em
quando e enquanto lembrava, sorria, talvez
tornado pela desilusão dos anos um homem
imperturbável.

DESCIDA DE DANTE AO CÉU

E naquele outono frio estive com antónia pela última
vez em singapura. Cloé cambaleava drogada à
nossa frente na manhã que raiava. Um estranho
país, a índia, onde vagos coronéis se queimavam
vivos numa praça, execuções quase diárias, apenas
um exemplo. Céline teria gostado disto. Ou das
casas amarelas no outono, ou da bomba que
destruiu uma noite a fachada da casa do
governador. Antónia, suas mãos. O gelo dos olhos
valia o ouro do corpo, o sangue do céu, a
economia morta. Grande era a tendência para
passar fome. O mal de Cloé era a sua anemia
impiedosa, o que ela tinha que suportar pela
altura das chuvas. Nos dias históricos enviava-me
o meu pai, pontualmente, uma madeixa
do seu bigode, uma perfeita imposição de respeito.
A minha força filial era, por seu turno, enorme.
Não — dissera eu a antónia mas ela nem sequer falara.
A sua voz (antónia) podia
sair da garganta ou do ventre, indistintamente.
Não que ela fosse ventríloqua, mas o
certo é que sofrera muito. Dachau, provavelmente.
Ou um outro lugar, muito pior, que não
chegara à celebridade. Eu, pessoalmente, não
desejava confessar a cloé o meu imenso amor. Mas
houve um dia em que tive que o fazer. Em

singapura, como sabem, não há mar. O índico
porém baila nas pupilas da branca cloé, e
o incêndio da sua casa, na virgínia.
Episódios da guerra civil. Cloé,
antónia, o meu pai, eu, Céline
e coronéis carbonizados. Quando pela última vez
em baden-baden olhei na rua antónia e
cloé morta sem sangue, que antónia levava
pela mão.

MAN OF CONSTANT SORROW

É em outubro, no poussin, que jeanne me
olha, com os cabelos numa raiva fulva,
os dedos curvados e percorridos de vento,
e olheiras suaves, ocultas por um riso de
vaudeville. As coristas saem do théatre, envolvidas
nos casacos de lã xadrez, rindo com
o frio e as propostas, calando-se ao dobrar
a esquina e desaparecendo. Sorvo um gin
ácido, em que me apetece temer os mortos,
bach e aquele sebastian sentado com
sua mãe na estufa em uma cadeira rara de
bobo. Ouço o vento e escolho ir para o
norte, frankfurt no reno, ver chover sobre
o reno e tomá-lo o nevoeiro e circularem
nele os barcos holandeses e no elba, numa
estalagem, escrever as talvez possíveis exigidas
palavras e depois coar café num quarto, por
tempo chuvoso e tomá-lo, lendo um quadro
de gogh, eu nunca o esquecerei, e ler, olhando,
só de a olhar, a marie dos dias de bruma, ser
e correr triste, até à dura penumbra da normandia,
aí correr, aí rolar na espuma os braços e o
peito, os lábios e a indignação. Outro gin então
sobre esta toalha rústica nesta mesa de vime, neste
lugar de outono, como quem se despede ou é constante
o seu arrependimento. Há sobretudo sentimentos, pensamentos

mais simples. Bocas sóbrias e de repente
roxas de vinho, mas isso é em genève, no centro
da europa, com o céu de chagall povoado de
anjos, com jeanne segurando o meu corpo, para
que ele não caia, para que ele não saia da
vida e não encontre nada. Bebo whisky, é tarde.
Um café, um gitane. Uma adolescência devagar.
Ali um pássaro rompe o céu.
Casas alinhadas, paredes escuras, janelas altas:
Bruxelas, onde tantos dos que amo
desconheço.

MORBUS SACER

As noites tumultuosas do Cabaret Voltaire foram contadas muitas vezes. Ball, alto e assimétrico, Janco (quem assim o descreveu), Emmy Hennings, e Huelsenbeck aí puderam analisar demoradamente um novo e complexo cadinho, produtor de silêncio ou mais precisamente dos silêncios de que se enche um poema, e isto quer o poema em questão fosse deveras um poema, quer se tratasse de um comprido corpo de violoncelo, sobrevivente aos bombardeamentos. Foi também aqui que muitos puderam ter directo conhecimento daquilo a que então Arp chamou a inocência exaustiva e que Char mais tarde reconheceria pelas palavras: «tout acte est vierge, même répété».

«Nas paredes há obras de Arp, van Rees, Picasso, Eggeling, Janco, Segal, Slodsky, Nadelman e poemas futuristas de Marinetti, Cangiullo, Buzzi» — lia-se.
Hugo Ball declamava um poema puramente fonético, renunciando totalmente à linguagem devastada pelo jornalismo. Sophie Taeuber, suíça, dançava, mascarada. Refugiados na mais intensa alquimia da palavra, peixes dourados cruzavam a sala soletrando com movimentos da boca coincidentes da respiração sonatas de Hans Heuser.

Isto era antes de R. Mutt ter escrito os seus poemas, manifestos, agendas e o lindíssimo Almanach.
Na mesma época em que o Kerndadaist Schwitters construiu a sua teoria da redenção e se exilou sucessivamente na noruega e na inglaterra, pelas razões que sabemos.

AUTOBIOGRAFIA

Esquecimento e lógica foram as doenças de gérard.
Quando eu e scott vínhamos ao victor hugo e
tomando fortes cafés nos ríamos do que se estava
a passar, um conto de hemingway ou um esboço
de peale bishop bastavam para nos reconciliar.
Eu e uma puta de arles andámos a ler as
obras de leonardo e um a um os museus
da europa os percorremos todos. Infelizmente,
o meu dinheiro acabou-se e tive que escrever nos
jornais. Colaborei, contudo, honra me seja
feita, na revue littérature sob as ordens de breton
e uma vidente russa, nadja. Essa mulher trazia
luvas negras quase sempre e pintava os seus
olhos e os seus lábios de exageradas tonalidades
o vermelho vivo, o azul esfumado, o negro, o cor
de carne. Foi também por esse tempo que alguém
me falou de klee, que eu já conhecia e me levou
ao seu quarto no quartier e aí amámo-nos
isto em pleno inverno, em paris. Foi bom. Tudo
excessivamente triste, teriam dito os poetas decadentes, e
franzido o sorriso já de si raro nessas faces.
Iluminai-os! Iluminai-os! Tudo, com efeito,
se havia voltado contra mim. 1929. Mandei cartas
para new york ao estudante de arqueologia e catedrático
da erva burroughs, que não me respondeu.
Publiquei quatro poemas na Cummings' Review

sob o pseudónimo de bufallo bill.
Deixei crescer o cabelo e provei mescalina.
Fui sempre aplaudido nos cafés e cheguei
a ser transportado aos ombros de uma multidão
enfurecida aquando do quatorze juillet. Hoje,
vivo em amsterdam, sou negociante de quadros,
ajudo os pintores e apenas lhes peço adulação.
Que os frívolos me chamem frívolo, eis o que
vos peço.

POEMA PARA HART CRANE

Este outono foi-me dado ver-te, no
parapeito de uma ponte, sobre o reno.
À tua volta o céu avolumava as negras
nuvens, prenunciando uma tempestade.
Passei pelo café la voile e enquanto lia os blues
de kaufman, a conselho de um amigo,
tive a nítida impressão da tua vinda
e, em breve, da tua presença naquele lugar.
O vento batia nos vidros e eu voltei a
mim. A tua existência parecera-me sempre
uma simples dedicatória num vaso de
barro, um verso, um único verso, repara,
que o estilete gravara numa potterie.
O vento aumentava de violência e ninguém
ousará contrariar-me se eu afirmar
que esse ruído era o de
milhares de mãos tamborilando
mármore. Repetia comigo:
o outono, o outono, e isso conduzia de
repente o meu pensamento até à Nova
Inglaterra onde lovecraft vivera e morrera.
A terra parecia sedenta. O teu rosto,
quando o pude ver, parecia macilento
e decidido. Pareciam as tuas mãos verdadeiras,
nodosas e ágeis. Desde então pouco
me afastei desse instante de recordação.

Ainda hoje, nas portas sumptuosas que
se abrem para cada outono, eu digo
em voz sumida o teu nome, e
saio de mim.

2 DE SETEMBRO DE 1930

O vento varre as esplanadas, as árvores
balouçam e falam de ao longe as águas,
uma chávena assenta imóvel sobre o
tampo de metal de uma das mesas.
No outro extremo da praça o quiosque
está fechado e os cartazes coloridos sujam-se
da poeira levantada. A chuva começa a cair...

Não olho o tempo que contou os anos
da minha vida. Estou aqui, à beira, no cais,
sentindo levemente a dor surda de não ser
possível voltar a olhar certos lugares, recomeçar
as obras inacabadas, dar um desfecho às
imperfeições que me pesam na memória, e me
expõem à insónia.

O domingo escorre como água de uma torneira.
Escrevo esta carta dos correios da gare e
penso nos lábios que ostentas plenos de
tristeza, quase exprimindo a demência
precoce dos teus anos, 66, 67, 68, séc. XX,
anos da minha vida.

O vento encapela as vagas. As paredes do cais
enchem-se de maresia. O grande vapor entra
na barra e o sol ilumina-o por detrás.

São oito da manhã. O vento endurece-me a cara
escanzelada, acentua-me as olheiras de traços
imortais.

Sou simples. As minhas dúvidas dissiparam-se.
O amigo que esperava já me acena da amurada.
A sua cara sorri. Tudo é simples.
Vou para dentro. Enquanto bebo um bagaço
ao balcão do bar, lanço um distraído
olhar aos painéis do almada.

RENÉ CHAR — ILUMINURA BRETÃ

Desde Dresden viajámos em carruagens
de 2.ª, contracenando com os jongleurs
de Itália e os refugiados russos.
Renegados, prostitutas, alguns nobres,
feitos meros actores, pomposamente
maquilhados. Nas estepes os líquenes pareciam
sabres espetados, campo de batalha
precipitadamente abandonado! Quando
mudámos de via em Frederiksbaden,
sob chuva torrencial digna de
dezembro, era todavia verão nos rostos
recontruídos de alguns de nós que tomávamos
cafés, recostados no balcão da gare.
«Contradições, contradições!...» — e o
conde-acrobata Philip Stael rompia
numa risada estrepitosa. A poetisa Linovska
era a mais frágil e bela das mulheres.
Sorria raramente. Tinha entre os dedos,
finos e brancos, que espreitavam por mitaines,
o volume brochado dos «Pesadelos» —
sua Obra Coligida. Dizia apontando os montes:
«Serão habitados?». A algazarra no
compartimento era enorme! A condessa Lumina
Pluriba despira-se em frente de todos e
pusera o fato grotesco com que criaria na
próxima cidade a imortal figura de Lady Macbeth.

Que contrastes! Que contrastes! E, de súbito, ou
para cúmulo! numa estação já perto
da fronteira austríaca, um hino suíço
cantado pelos hóspedes de uma estância
alpina, lembrava-nos a todos do Destino,
da pureza inerente às coisas imortais, às
planícies imortais, aos homens imortais.

NA VILLAGE AO SOM DE DEUS

Alguém falou dos anos loucos passados nos bares
do sul por entre os olhos mortos do saxofone e
a efervescente cerveja. Eu próprio os recordei e com
eles Antonieta a Desmemoriada nos cinemas de
bairro vestida como no tempo de Colette, enlouquecida
pela poeira dos seus lábios feridos. Anos de
que ninguém queria esquecer-se. Antonieta como
tonta flor esmagada. Os discos ainda existiam.
E o álcool espalhava como um creme sobre os
rostos a maquillage do medo, da negra desilusão.
Ouvíamos com os olhos encurvados dentro do
riso cego das gémeas Clotilde:
«Baby the rain must fall. Baby the wind must
blow.» Sim: um poema diferente, coalhado no
rosto louco das pessoas, medido pela azulada
voz do sinistro Joe, neto do «Ripper». Havia
o acordo da violência, o tumulto das noites de
insónia, ardor meio rouco dos «too late blues»...
A um canto estavas tu dobrada sobre o maldito
piano, alquebrada pela secura dos anos, envelhecendo
com aquela geração nunca escrita e nunca
gerada. Caías sob os aplausos de poetas bêbados
cujos lábios lembravam a amnésia de certas
palavras e depois o inútil brilho das obscenidades.
Últimas noites em Brooklin! Os guardas da rainha
desfilavam sob a enorme claridade dos teus cabelos

altos, dominados pela lembrança, pelo primo William
e os desejos estivais no vento azul nas águas
da serpentine. E Londres lembrava-te os clowns
esquecendo-se de serem eternos, bebendo scotch
e assistindo às inúteis caçadas em quadros de
sandie.
Alguém desencadeara as telas de
infâncias perturbadas pela guerra, as inumeráveis
desolações, o exílio.
E tu, entretanto, demoravas genialmente o teu rosto
magríssimo e áspero frente à luz, povoado pelas ardentes
lágrimas, onde outrora eu iria pousar e
demorar as minhas mãos.

HOMENAGEM A HUGH MAUBERLEY

Tento tantas vezes repetir os anos suaves sobre a secura dalgumas
regiões do país, assistir à própria morte dos frutos, ao protesto
[grotesco
dos excessivamente jovens gestos de coragem e de morte. Escrevo
assim tal como me lembro das frias costas a sudoeste, do
olho fixo e brilhante do sol a sul regulando os nossos lábios
por estranhas amendoeiras de amor, e isto lembra um inocente
cantar só nocivo a quem sem inocência se debruça e destrói.
Deste modo é o dizer, é a doença no meio das casas com
paredes que tremem, a sua cal alucinada que anda por dentro
da nossa cabeça, infindáveis, os corredores do tempo, e recupera
o calmo sítio da tempestade para o próprio poema.
Oh, falai de morte e nada tereis que dizer. São bocas, enormes
e ríspidas, fechadas sobre a luz (de um dia quente), em
direcção ao silêncio, ou à loucura, são essas bocas já adivinhadas
antes do romper abrupto do dia, e olhai-as como eu as
olho tremendo como se de súbito me cobrissem de cal e me
doessem extraordinariamente as mãos deixadas livres.
Um homem dura assim o tempo que durar o flagelo. Tem
livros sobre os anos duros. Onde lê como podia ter sido a
sua vida. Onde se arrepende. Onde por fim começa a vivissecar
pequenos animais mediante uma grande solidão.
Sobre as cómodas reparo que se acumula o pó. Os retratos
esquecem, desfolham as recordações mais suaves do país há anos
abandonado. Recomendam que comamos sentados no halo
imóvel desta luz e que cresçam tranquilas as crianças

debaixo das papoilas com o exílio.
Um momento é como se tu voltasses e te encontrasses aqui
a desfigurar a terra. Perante ti vi curvarem-se as minúsculas
vastidões das flores e recuperarem o prodígio que lhes é próprio
as tisnadas superfícies dos moliceiros.
Ou viesses também tu cujo cansaço acode a espelhos em perigo
e cujo escrever é áspero e desassossegado.
Dantes quando o procurar era explícito alguns lenhadores
desciam o Douro em barcas transbordantes de luar, por entre
imagens irrecusáveis eu via-os e aproximava-me. Eu conhecera
outrora todas as sendas, a floresta perdera os seus
segredos para mim. Depois fiquei também a conhecer estas
cidades. Em breve todo o país amaldiçoado. E assim viesses entre
o que tento lentamente recordar e repetir para que o esqueça
e o relembre.

&etc

VOLUMES PUBLICADOS

- COISAS
  Textos e ilustrações de Adelino Tavares da Silva, Aldina, Ana Machado, António Manaças, Aurélia, Baptista-Bastos, Carlos Porto, Eurico, Ferreiro, Figueiredo Sobral, Gonçalo, João Rodrigues, João Vieira, José Martins, Lud, Nelson de Matos, Paulo C. Domingos, Pedro Oom, Virgílio Martinho, Vitor Silva Tavares
- MORITURI TE SALUTANT
  (OS QUE VÃO MORRER SAÚDAM-TE)
  de João César Monteiro
- O DESEJO AGARRADO PELO RABO e AS QUATRO MENINAS
  de Pablo Picasso
- PANTAGRUEL
  de François Rabelais
- GOGH UMA ORELHA SEM MESTRE
  de Paulo da Costa Domingos
- IMITAÇÃO DA MORTE DOS OUTROS
  de Jorge Fallorca
- PARA ACABAR DE VEZ COM O JUÍZO DE DEUS
  seguido de
  O TEATRO DA CRUELDADE
  de Antonin Artaud
- ESBOÇO PARA UM RETRATO DO VERDADEIRO LIBERTINO
  de Roger Vailland
- DISSERTAÇÃO DO PAPA SOBRE O CRIME, SEGUIDA DE ORGIA
  do Marquês de Sade
- LENINE
  de Leão Trotski
- NOA NOA
  de Paul Gauguin
- O MOVIMENTO COMUNISTA
  de Jean Barrot
- MORTE AOS CHUIS E AO CAMPO DE HONRA
  de Benjamin Péret
- OSSUÁRIO
  de Rui Diniz

VOLUMES A PUBLICAR

- JUDAS OU O VAMPIRO SURREALISTA
  de Ernest de Gengenbach
- ÚLTIMA PALAVRA: «SIM»
  de Nuno Júdice

ESTE LIVRO, DE QUE SE TIRARAM 1 200 EXEMPLARES, FOI COMPOSTO E IMPRESSO EM ABRIL/MAIO DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E SETE NA COOVAFORME — COOPERATIVA OPERÁRIA GRÁFICA DE ANTERO DE QUENTAL, SCARL. — R. ANTERO DE QUENTAL, 203 — TEL. 482837 — PORTO